

Violência Contra A Mulher e Telenovela

Maria Luísa Leônidas FERRO¹
Cristina Teixeira Vieira de MELO²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Com a crescente conscientização a respeito da violência contra a mulher na sociedade, a necessidade de se avaliar a maneira que esses casos são representados midiaticamente torna-se cada vez maior. Tendo em vista que essa reprodução interfere diretamente no encorajamento ou não da denúncia a mulher agredida, este trabalho propõe-se a estudar algumas novelas que retrataram essa violência e analisar se a maneira que se representou o tema incentiva as denúncias ou as enfraquece. Para isso, exploraremos o mundo das telenovelas brasileiras entre os anos de 2003 e 2015, observando diferenças e particularidades entre o que é mostrado a sociedade e a real situação feminina, junto às estatísticas e repercussão das telenovelas pesquisadas, tendo como pano de fundo o antes e o depois da criação da Lei Maria da Penha em 2006.

PALAVRAS-CHAVE: violência contra a mulher; telenovela; feminismo; estudos de gênero.

.

1. Por que estudar telenovela

A violência contra a mulher vem sendo tema recorrente de conscientização social ao longo dos anos. Através de produções midiáticas como comerciais de televisão e telenovelas, a sociedade vem sendo estimulada a denunciar os casos, uma vez que a Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, aumenta o rigor das punições em relação a crimes de agressão e abuso contra mulheres. Mas por que analisar telenovela? Porque, para o pesquisador Jesus Martin Barbero, ela opera um verdadeiro campo de comunicação maior do que os comerciais, representado pela interação entre o pólo da emissão – os autores ou mesmo a própria televisão – e o pólo da recepção – os telespectadores. A sua abrangência é significativa, uma vez que se utiliza do melodrama, modelo que permite que o indivíduo se identifique com aquela encenação, o que causa nele emoções e o alcance a diferentes níveis socioeconômicos,

¹ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: mluisalferro@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPE, email: cristinateixeiravm@gmail.com

faixas etárias e de sexo consumindo o produto cultural com um objetivo determinado: o entretenimento.

Nenhum outro gênero chegou a ser tão popular na América Latina como é o melodrama. Sobre esta popularidade Barbero (2001) enfatiza que o melodrama é o modo de expressão mais aberto a cultura de um povo, ao modo de viver e sentir da nossa gente. A maioria dos enredos no melodrama carrega muito do que somos e do que queremos nos tornar, por isso a essência desse gênero é o reconhecimento. Assim como o teatro representava para o povo sua própria identidade, as telenovelas assumem os costumes do cotidiano e demonstram nas telas o jeito de ser da cultura de um povo e com referências compartilhadas entre os povos.

Tendo como eixo central quatro sentimentos básicos – medo, entusiasmo, dor e riso – a ele correspondem quatro tipos de situações que são ao mesmo tempo sensações – terríveis, excitantes, ternas, e burlescas – personificadas ou “vivas” por quatro personagens – o Traidor, o Justiceiro, a Vítima, e o Bobo – que ao juntar-se realizam a mistura de quatro gêneros: romance de ação, epopéia, tragédia e comédia. Essa estrutura nos revela no melodrama uma tal pretensão de intensidade que só pode alcançar à custa da complexidade. (BARBERO, 1987, p. 162).

No Brasil as telenovelas representam aspectos da cultura nacional, integrando e construindo ao mesmo tempo sua identidade. Além de ser um produto cultural, ela está interligada a realidade social dos sujeitos por meio das representações sociais. Além da função de entretenimento ela espelha a realidade do cotidiano. Conflitos familiares, políticos e temas sociais são enredos de tramas de muita audiência.

A telenovela se constitui como um dos produtos mais importantes da televisão brasileira para a construção de uma identidade nacional, e com isso, afeta a construção da identidade do indivíduo. Ela é produtora de símbolos que influenciam identidades nacionais e individuais, alcançando assim um patamar importante. Segundo Stuart Hall (1998), a identidade é um produto de interações, que pode acontecer por face a face ou acontecem pelas mediações. Através dessa mediação a telenovela funciona como uma evasão do cotidiano, quando permite sonhar novos universos e ainda possibilita um

ponto de partida para as discussões para assuntos sempre polêmicos ou pouco discutidos em sociedade.

O mais curioso é que a telenovela não pretende criar outra realidade a não ser a ficcional. O que lhe interessa é apresentar algo com que o telespectador possa identificar-se. Se é o público feminino que mais acentuadamente vê novela, segundo pesquisa de 2012 do Kantar IBOPE Media, onde 96% das entrevistadas assistiam novelas contra 89% dos homens, equivale a dizer que as mulheres, em sua maioria, identificam-se com os valores apresentados - os valores masculinos. Tudo isso se reforça quando se sabe que a comunicação desses valores se faz sob a perspectiva de várias vozes: a do autor e dos co-autores (os telespectadores).

Apesar do predomínio do entretenimento, não se anula dentro desse meio de comunicação a ideia de crítica, ainda que velada em alguns casos. A dramaturgia tem grande espaço na televisão, e as situações que são colocadas em seu enredo são extraídas da vida social, como dito acima, queremos saber até que ponto a telenovela reproduz os casos de violência contra a mulher, de que maneira eles são compatíveis com a realidade e até que ponto ela incentiva com a denúncia de novos casos ou prejudica, desencorajando mulheres a denunciarem seus agressores.

O corpus é composto por seis novelas das 21h da principal emissora do país, a Rede Globo de Televisão e que tiveram grande repercussão na abordagem da temática. A faixa de novelas das 21h são as de maior produção e audiência no canal. A análise será dividida em duas partes. A primeira consiste na observação do enredo e da forma que a agressão é representada. Após essa observação inicial, passaremos a olhar de que maneira essa representação dramatizada pode ou não colaborar para aumentar o número de denúncias, através de comparação das estatísticas de violência da época em que a novela foi exibida.

2. “Eu vi na televisão, homem batendo em mulher”

A primeira produção que abordou a violência contra a mulher foi a minissérie “Quem ama não mata”, de 1982, de Euclides Marinho. O programa foi exibido na Rede Globo e contava a história de Alice e Jorge, interpretados por Marília Pêra e Cláudio Marzo,

um casal em crise por não conseguir ter um filho. A relação vai ficando cada vez mais difícil devido à falta de diálogo e o personagem Jorge bate na esposa num ataque de fúria e a mata no fim da série. Ainda que superficialmente, a minissérie quebrou tabus ao tratar do assunto na televisão.

Em 1990, a minissérie Delegacia de Mulheres também trouxe a violência contra a mulher em uma das linhas da frente do enredo. Escrita por Maria Carmem Barbosa, contava a rotina de uma delegacia especializada em mulheres e cada episódio trazia um caso diferente de agressão, estupro ou abuso. Na época, a minissérie sofreu várias críticas por tratar de casos graves com tom humorístico, quebrando a seriedade e deixando de colaborar para a conscientização da população.

2.1 Raquel apanhava com uma raquete e chocou o país

Em 2003, a Globo lançou a novela “Mulheres Apaixonadas” em seu horário nobre. Escrita por Manoel Carlos, o enredo trazia crônicas sobre a vida urbana no Rio de Janeiro e tinha como protagonista Helena, interpretada por Christiane Torloni, diretora de uma escola onde a professora Raquel, vivida por Helena Ranaldi, dava aulas de educação física.

Raquel vivia o drama de ser agredida pelo marido Marcos, interpretado por Dan Stulbach, e não tinha coragem de denunciá-lo à polícia. Assustada, ela se muda para o Rio de Janeiro tentando fugir e começa a dar aulas na escola dirigida por Helena. Pouco tempo depois, Marcos descobre seu paradeiro e volta a agredi-la psicologicamente e fisicamente, nesse caso com uma raquete de tênis. Na escola, Raquel faz amizade com um aluno e Marcos passa a perseguir o garoto, o que faz a professora finalmente denunciar o marido a polícia. No final, Marcos atrai o aluno de Raquel para uma emboscada e os dois acabam morrendo.

A história de Raquel trouxe a visibilidade necessária para o assunto, que se tornou presente em todos os cantos do país. As cenas fortes das agressões sofridas pela personagem chocaram o país. Na sociedade, quebrou-se o estereótipo de que apenas o homem sem instrução e de baixa renda praticava agressões contra sua parceira. O

personagem de Dan Stulbach era sedutor, bem instruído e de uma classe mais alta, trazendo à tona o fato de que o agressor pode estar em qualquer lugar.

No dia 22 de setembro de 2003, foi ao ar a cena da denúncia de Raquel contra o marido. Uma semana depois, a Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (DEAM), no Rio de Janeiro, constatou um aumento de mais de 40% de denúncias, segundo a Secretaria de Direitos Humanos do Rio de Janeiro. Apesar de ter dado espaço para a temática e ter contado com a consultoria de uma especialista em violência contra a mulher para ser o mais fiel possível a realidade, mostrando o passo a passo da denúncia, a novela falhou em ter matado o personagem antes que ele sofresse as consequências judiciais por seus atos. Em entrevistas na época da novela, a atriz Helena Ranaldi afirma que era abordada na rua constantemente por telespectadores perguntando qual a punição para a violência doméstica designada pela Justiça e muitos se assustavam ao saber que variava de trabalhos voluntários a doação de cestas básicas, já que desconheciam a falha da lei ou não sabiam que existia legislação para esse tipo de crime.

2. Catarina nunca denunciou o marido

Em 2008, de autoria de João Emanuel Carneiro, estreava “A Favorita” no horário nobre. Um dos temas abordados era a história de Catarina. Interpretada por Lílía Cabral, a personagem era casada com Leonardo, personagem de Jackson Antunes, e mãe de dois filhos, onde vivia um relacionamento abusivo e submisso, além de sofrer abuso psicológico e físico por parte do marido, que fazia o mesmo com os filhos.

As humilhações constantes e as agressões deixam Catarina cada vez mais deprimida, que não tem coragem de denunciá-lo. A reviravolta acontece após ela conhecer Stela, uma mulher independente de quem se torna amiga. Leonardo humilha Stela ao descobrir que ela é lésbica e tentar estuprá-la. A novela acaba com Catarina revigorada e sem denunciar Leonardo a polícia por agressão, mas ele termina preso pela tentativa de estupro contra Stela. A filha de Catarina e Leonardo, Mariana, engravida e é expulsa de casa, mas não revela quem é o pai de sua filha. Quando sai da cadeia, Leonardo vai atrás da filha numa tentativa de reaproximação e ela afirma que não permitirá que ele faça com a criança o que fez com ela, em uma insinuação de que seria o pai da criança, mas isso não é demonstrado claramente na novela.

Por ser a primeira novela que abordou o tema após a criação da Lei Maria da Penha em 2006, *A Favorita* falha em não fazer com que a personagem de Lília Cabral denuncie o marido nem mostrar as novas abordagens da lei, com suas atribuições jurídicas a cada tipo de caso. Hall (1998) aponta que a mediação proposta pela telenovela serve como evasão de cotidiano e sonho com novas realidades. Assim, apenas mostrar a volta por cima da personagem, sem a ajuda da lei, tende a desestimular o número de denúncias por parte de telespectadoras que vivem a mesma situação, podendo vir a crer que não há necessidade da intervenção da Justiça para saírem da situação de risco e abuso em que se encontram. Apesar da falha, de acordo com a Agência Brasil, a Central de Atendimento à Mulher registrou cerca de 269 mil denúncias, relatos de violência e pedidos de informação na época em que a novela estava sendo exibida, 32% a mais que no ano anterior.

3. Celeste denunciou Baltazar e o perdoou no final

Em 2011, “*Fina Estampa*” estreava como a nova novela das 21h. Escrita por Aguinaldo Silva, a trama falava sobre personalidades e valores opostos de Teresa Cristina, interpretada por Christiane Torloni, e Griselda, vivida por Lília Cabral. Um dos núcleos da novela contava a história de Celeste, personagem de Dira Paes, e de seu marido, Baltazar, papel de Alexandre Nero. Motorista de Tereza Cristina, ele desconta as frustrações da vida em sua esposa e na filha do casal, Solange, vivida pela atriz Carol Macedo. No trabalho possui um comportamento educado e discreto, o que esconde seu lado agressivo que só surge em casa.

Celeste sofre agressões constantes do marido, mas tem medo de denunciá-lo à polícia, mesmo com os apelos de Griselda, que não se sente ameaçada por Baltazar e tenta convencer a amiga a deixá-lo. Ao longo da trama, Celeste se torna mais independente e perde o medo que sente do marido, passando a enfrentá-lo. No fim, após mais um ato de agressão, Solange não aguenta ver a mãe sendo espancada e chama a polícia, que prende Baltazar em flagrante. Depois de solto, ele se regenera e a esposa o perdoa.

Na época que a novela foi transmitida, a professora e doutora em direito Alice Bianchini escreveu uma série de artigos apontando os erros e acertos da produção em relação da representação das várias fases da agressão a Celeste. Em um dos artigos, Alice elogia a

construção das cenas que culminam na prisão de Baltazar, incluindo a cena da prisão, já que os diálogos condizem com pesquisas que apontam a conduta do agressor durante a prisão, onde ele afirma que é “pai de família”, “trabalhador honesto” e “a polícia devia estar atrás de bandido de verdade, não de mim”, não reconhecendo a criminalidade em sua atitude ao bater na esposa. Em um dos últimos artigos publicados sobre a novela, a pesquisadora critica uma falha de representação na novela. Baltazar é solto da cadeia e volta para casa. Nisso, Solange chega em casa e fica em pânico ao encontrar o pai. Segundo Alice, a família do agressor deve ser comunicada da soltura do mesmo antes de ela acontecer, para que se prepare. Essa retratação errônea pode prejudicar a intenção de mulheres de denunciar seus agressores, por medo que eles sejam soltos sem elas saberem e voltem a procurá-las.

Ao fim da exibição da novela, em 2012, a Lei Maria da Penha completou seis anos de existência e o Disque 180 havia registrado 2,7 milhões de atendimentos. Desse total, cerca de 60% foi apenas informação e apenas 14% eram denúncias que se enquadravam na lei, segundo a Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República.

4. Marilda foi agredida em seu local de trabalho

Ambientada no fictício Hospital San Magno, a novela escrita por Walcyr Carrasco estreou no horário nobre em 2013 e contava a história da família Khoury, proprietária do local. A médica Marilda, interpretada por Renata Castro Barbosa, trouxe um ar de mistério à trama, pois sempre aparecia com algum machucado, como se aparentemente tivesse sido agredida, mas ela sempre negava que tivesse sofrido qualquer tipo de violência. Ao longo do trama, é revelado que Marilda se envolve com o enfermeiro Ivan e ele é o autor das agressões, chegando a ameaçá-la em seu local de trabalho. Para tentar se livrar das agressões, Marilda troca a fechadura de seu apartamento, irritando seu companheiro, que vai atrás dela para tirar satisfações.

No momento em que Ivan a encontra, ela está na cozinha do hospital avaliando a dieta dos pacientes. Ele avança para cima dela já a ofendendo e diante da negativa dela de entregar-lhe a chave, a joga contra uma bancada com panelas. Os funcionários do hospital presenciam a cena e chamam a Polícia, que leva Ivan para delegacia. Lá, Marilda presta depoimento em frente ao seu agressor e cercada pelos funcionários do

hospital. Durante o testemunho, Ivan faz ameaças a ela e alguns funcionários interferem, citando fatos que presenciaram. Esse tipo de representação, onde a mulher passa por um tipo de acareação com seu agressor pode ser prejudicial na hora de incentivar mulheres a fazer a denúncia, isso porque muitas tem medo da pessoa que as agride e não conseguiria expor as situações que viveu frente a ele.

Em 2013, a Lei Maria da Penha completou sete anos e três milhões de denúncias através do Disque 180. Uma pesquisa feita pelo Data Popular e encomendada pelo Instituto Patrícia Galvão apontou que a cada quatro minutos, uma mulher é vítima de agressão no país. Para Jacira Melo, diretora do instituto, o problema não é a falta de delegacias especializadas, que na época já somavam 500 em todo o país, mas sim a dificuldade do acesso à Justiça, em relação a lentidão dos processos.

4. Domingas foi humilhada todos os dias pelo marido, e não denunciou

Escrita por João Emanuel Carneiro, mesmo autor de “A Favorita”, “A Regra do Jogo” também trazia como uma de suas temáticas a violência contra a mulher com a história de Domingas, vivida por Maeve Jinkings, e seu marido Juca, interpretado por Oswaldo Mil. A personagem é humilhada, agredida e ofendida por seu companheiro constantemente, que apenas a faz algum agrado ou gentileza para conseguir alguma coisa, como na cena em que diz que a ama para que ela hipoteque o imóvel onde moram. Em uma cena dramática, moradores da comunidade onde o casal vive impedem que Juca agrida Domingas mais uma vez e o expulsam do lugar sob gritos de ‘covarde’.

Na época da exibição da novela, a Globo fez uma parceria com a ONU Mulheres promovendo uma campanha de conscientização de violência contra a mulher. Com essa ação, as outras duas novelas da emissora contemporâneas à “Regra do Jogo” também traziam alguma agressão ou abuso contra mulher. Em “Totalmente Demais”, exibida no horário das sete, a protagonista Elisa, personagem de Marina Ruy Barbosa, sofria tentativas de abuso sexual por parte de seu padrasto Dino, interpretado por Paulo Rocha. Já a novela das seis, “Além do Tempo”, a personagem Gema, interpretada por Louise Cardoso, era tratada como objeto por seu marido Queirós, vivido por Zécarlos Machado. Junto a exibição da temática nas novelas, um comercial com os dizeres “Toda

vez que uma mulher é agredida, a sociedade inteira é agredida também. Não se omita. Denuncie” passava nos intervalos da programação da emissora.

No final, após sofrer todo tipo de abuso, Domingas arruma um novo amor, vivido por Carmo Della Vecchia, que espanca Juca e trata a mulher da maneira que ela merece ser tratada. Mas, como em *A Favorita*, Domingas também não denuncia o marido a polícia. Isso demonstra que apesar da campanha voltada para a temática, em nenhuma das três novelas participantes o agressor foi denunciado à polícia.

Em 2015, o Disque 180 realizou cerca de 750 mil atendimentos. Do total, 41% foram relacionados à informação, 38% a redirecionamento para atendimento na Polícia ou na Secretaria de Direitos Humanos e 9,5% a encaminhamentos para serviços especializados. Em comparação a 2014, houve um aumento de quase 45% no número de denúncias. Dessa forma, produzindo apenas ficção, a telenovela unida à propaganda consegue multiplicar suas forças para seduzir e convidar os telespectadores a entrarem no mundo da realização de sonhos, de acordo com Hall (1998), e se sentirem estimuladas a sair da situação de risco em que se encontram.

6. Brasil está em entre os seis países que mais assistem novelas no mundo

Uma pesquisa feita pela Motorola Mobility em 2013 analisou as práticas midiáticas de 17 países e revelou que o brasileiro assiste 20 horas de televisão por dia, em média, perdendo apenas para Estados Unidos, Índia, China, Malásia e Turquia. Essa colocação no ranking justifica a popularidade das novelas brasileiras, uma vez que no mesmo ano um outro levantamento, feito pelo Kantar IBOPE Media em 2014, revelou que as novelas são mais assistidas que os telejornais e programas futebolísticos, reforçando a ideia de Hall e Barbero a respeito da mediação que ocorre entre a permissão de se imaginar uma nova realidade, ainda que ficcional, e a sociedade.

Mas essa audiência tem um outro lado significativo para quem produz a telenovela, no caso, a Rede Globo de Televisão. Essa audiência tem valor monetário e o telespectador age diretamente como co-autor do enredo da novela devido a isso. Esse valor monetário atua diretamente nas falhas de representação de casos de violência contra a mulher explicitadas anteriormente, como a falta de denúncia ou de punição judicial ou o perdão

por parte da mulher agredida. A vida real não rende tanta audiência como a realidade um pouco alterada mostrada nas telenovelas.

Essa constatação a respeito do valor monetário da audiência também nos aponta um outro norte a respeito dos telespectadores. Apesar de todas as falhas, o número de denúncias aumentou consideravelmente ao longo dos anos, principalmente durante a exibição de telenovelas que abordavam o tema de violência contra a mulher, mostrando a sintonia da sociedade com os direitos das mulheres. Mas a batalha ainda não está vencida por inteiro. É preciso que quem produz a telenovela diminua o valor monetário entregue ao enredo e aumente o valor social e a veracidade na representação de assuntos sérios tais como a violência doméstica, que por mais que seja alto, ainda precisa crescer.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**, 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

ATITUDE, COMPROMISSO E. **Alguns números sobre a violência contra as mulheres no Brasil**. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/alguns-numeros-sobre-a-violencia-contras-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

GLOBO, MEMÓRIA. **Amor à vida**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-trama-principal.htm//>>. Acesso em 10 out. 2016.

GLOBO, MEMÓRIA. **Mulheres Apaixonadas**. Disponível em: <[//>. Acesso em 10 out. 2016.](http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/raquel-marcos-e-fred.htm)

GLOBO, MEMÓRIA. **A Favorita**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-favorita/mudanca-de-vida.htm>>. Acesso em 10 out. 2016.

GLOBO, MEMÓRIA. **Fina Estampa**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/fina-estampa/baltazar-e-celeste.htm>>. Acesso em 10 out. 2016.

ALMENDRA, T. **Novelas se inspiram na realidade e mostram violência contra a mulher.**

Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/novelas/fina-estampa/2011/09/13/cenas-de-violencia-contra-mulher-em-novelas-aumentam-denuncias-de-agressoes.jhtm>>. Acesso em: 11.out.2016.

TRIGO, M. **Novelas se inspiram na realidade e mostram violência contra a mulher.**

Disponível em: <<https://diversao.terra.com.br/tv/novelas-se-inspiram-na-realidade-e-mostram-a-violencia-contra-a-mulher,96b9507c7255a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 11.out.2016.

BIANCHINI, A. **Violência contra a mulher e determinantes sociais da subjetividade.**

Disponível em: <<http://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814134/violencia-contra-a-mulher-e-determinantes-sociais-da-subjetividade-serie-novela-fina-estampa>>. Acesso em: 11.out.2016.

BIANCHINI, A. **O rompimento do ciclo de violência e a regeneração do agressor.**

Disponível em: <<http://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814185/o-rompimento-do-ciclo-de-violencia-e-a-regeneracao-do-agressor-serie-novela-fina-estampa>>. Acesso em: 11.out.2016.

BIANCHINI, A. **Os ciclos de violência contra a mulher e o perdão.** Disponível em: <<http://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814180/os-ciclos-de-violencia-contra-a-mulher-e-o-perdao-serie-novela-fina-estampa>>. Acesso em: 11.out.2016.

BIANCHINI, A. **Obrigatoriedade de comunicação, a vítima da prisão e da saída do agressor do sistema prisional.** Disponível em:

<<http://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814183/obrigatoriedade-de-comunicacao-a-vitima-da-prisao-e-da-saida-do-agressor-do-sistema-prisional-serie-novela-fina-estampa>>. Acesso em: 12.out.2016.

BIANCHINI, A. **Violência doméstica e rompimento do vínculo afetivo.** Disponível em: <<http://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814177/violencia-domestica-e-rompimento-de-vinculo-afetivo-serie-novela-fina-estampa>>. Acesso em: 12.out.2016.

BIANCHINI, A. **Violência contra mulher e enfrentamento judicial do agressor.** Disponível em: <<http://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814156/violencia-contra-a-mulher-e-enfrentamento-judicial-do-agressor-serie-novela-fina-estampa>>. Acesso em: 12.out.2016.